

UMA EXPERIÊNCIA DE ACESSIBILIDADE AO BALÉ CLÁSSICO: RELATO DE PRÁTICA PEDAGÓGICA NO PROGRAMA UNIVERSIDADE DA UNICAMP

Autora: Eduarda Faccio Barone – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), aluna de Bacharelado e Licenciatura em Dança. Bolsista FAPESP de Iniciação Científica (2024–atual). Instrutora do Programa de Extensão Universidade desde 2023.

Contato: e259572@dac.unicamp.br

Eixo prioritário: Eixo 5 – *Arte, Cultura, Lazer e as pessoas com deficiência no contexto urbano: relatos de experiências nos territórios*

Eixo secundário: Eixo 1 – *As pessoas com deficiência na Universidade: relatos de experiências*

Resumo

Esta comunicação tem como objetivo apresentar uma experiência pedagógica de acessibilidade ao balé clássico, desenvolvida no Programa Universidade da Unicamp¹, com foco em pessoas idosas, incluindo participantes com deficiência. A oficina “Balé Clássico: uma abordagem singular”, conduzida desde 2023 sob orientação da Prof^a Dr^a Juliana Moraes, foi inspirada nas atualizações propostas por Zélia Monteiro² e fundamentada em metodologias participativas. O estudo se orienta pela pesquisa-ação (THIOLLENT, 1986), valorizando a escuta, a troca de saberes e a horizontalidade entre professora e participantes. A experiência envolveu alunas idosas, entre elas uma com baixa visão e outra com sequelas motoras decorrentes da esclerose lateral múltipla. Os resultados indicam benefícios como fortalecimento da autoestima, melhoria da postura e do equilíbrio, além da criação de um espaço de identidade coletiva e enfrentamento dos preconceitos ligados ao envelhecimento e à deficiência. As estratégias de acessibilidade incluíram adaptações musicais, redesenho de

¹ O Programa Universidade da Unicamp é uma ação de extensão universitária voltada à promoção da longevidade, bem-estar e qualidade de vida, oferecendo cursos e oficinas para pessoas acima de 50 anos.

² Zélia Monteiro é bailarina, professora e pesquisadora brasileira, referência no ensino na técnica italiana de balé clássico em diálogo com abordagens contemporâneas em especial a do artista Klauss Vianna, de quem foi assistente por 8 anos.

exercícios e valorização da experiência sensorial do movimento em lugar da forma estética. A proposta evidencia a importância da autonomia pedagógica e da mediação docente entre tradição técnica e inclusão, reafirmando que o balé clássico pode ser ressignificado como prática inclusiva.

Palavras-chave: balé clássico; acessibilidade; ensino de dança; terceira idade; inclusão.

1. Introdução

O presente relato de experiência apresenta reflexões emergentes de uma prática de balé clássico no Programa Universidade da Unicamp, voltada a pessoas idosas com e sem deficiência. A oficina investigou como fundamentos da técnica clássica podem ser revisitados e adaptados de modo a garantir acessibilidade. Inspirada pelo trabalho de Zélia Monteiro e pelas contribuições da antropóloga Joann Keali'inohomoku (1970), que entende o balé como uma dança étnica, buscou-se questionar os imaginários coloniais que circunscrevem a prática a um ideal restritivo.

2. Objetivos

- a. Investigar como o balé clássico pode ser ressignificado para pessoas idosas com e sem deficiência.
- b. Experimentar estratégias pedagógicas de acessibilidade considerando faixa etária e necessidades específicas.
- c. Refletir sobre o papel do professor como mediador entre tradição técnica e práticas inclusivas.

3. Metodologia

Adotou-se a pesquisa-ação (THIOLLENT, 1986), de caráter qualitativo e participativo. A prática se desenvolveu em encontros semanais no Programa Universidade, com foco na construção coletiva do conhecimento. Foram registradas observações de campo e relatos das participantes. A metodologia

incluiu adaptação de exercícios, experimentações sensoriais e reflexões compartilhadas em roda de conversa.

4. Resultados e Discussão

O processo mostrou que o balé clássico, tradicionalmente associado a ideais eurocêntricos e aristocráticos, pode se tornar inclusivo mediante revisões pedagógicas. As participantes relataram ganhos físicos (equilíbrio, consciência corporal), subjetivos (autoestima, pertencimento) e sociais (convivência e enfrentamento de preconceitos). A presença de alunas com deficiência evidenciou a relevância das adaptações: flexibilização do ritmo musical sem descaracterizar os passos tradicionais, reconhecimento dos princípios fundamentais da técnica e foco na experiência sensorial. Dialogando com a proposta de Zélia Monteiro, compreendeu-se que a atualização da técnica não rompe com a tradição, mas a amplia, favorecendo corpos diversos e produzindo significados que resgatam o balé como prática de reconhecimento e transformação dos padrões corporais.

5. Considerações Finais

O estudo aponta que a acessibilidade em práticas de dança não se resume a adaptações, mas envolve uma mudança epistemológica: colocar a diversidade como ponto de partida. A experiência demonstra que é possível articular tradição e inovação pedagógica, promovendo inclusão, longevidade ativa e enfrentamento do capacitismo. A continuidade da oficina permitirá aprofundar estratégias de ensino e fortalecerá o movimento de democratização do balé clássico.

6. Agradecimentos

À FAPESP, pelo financiamento da pesquisa, e às participantes do Programa Universidade da Unicamp.

Referências

KEALIINOHOMOKU, Joann. An anthropologist looks at ballet as a form of ethnic dance. *Impulse*, v. 20, n. 1, p. 24-33, 1970.

THIOLLENT, Michel. Metodologia da pesquisa-ação. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1986.